

Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual.

Instagram, narcissism and helplessness: A psychoanalytic look at the exhibition of the self image in the virtual world.

Joice Pontes da Silva Tavares de Carvalho[†], Priscila Maria Luz dos Santos de Magalhães[†], Fernanda Cabral Samico[‡]

Como citar esse artigo. Carvalho, JPST; de Magalhães, PMLS; Samico, FC. Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual. Revista Mosaico - 2019 Jul./Dez.; 10 (2): 87-93

Nota de Editora

Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

Vivemos em um mundo que está mudando a forma de ser e estar nele e conseqüentemente, a subjetividade do homem contemporâneo. Estamos em constante busca de aprovação social e para conseguir a mesma, no atual cenário tecnológico, expomos nossa vida pessoal através das redes sociais de forma cada vez mais acentuada. O artigo tem como propósito investigar, através de uma perspectiva psicanalítica as razões para tal estratégia, lançando mão dos conceitos de desamparo e narcisismo. Diante disso, esclarecemos que estudo não tem o objetivo de fazer uma crítica, e sim apontar um fenômeno percebido na sociedade atual, levando em consideração o uso massivo da rede social mencionada.

Palavras-chave: Psicanálise, instagram, desamparo, narcisismo, contemporaneidade.

Abstract

We live in a world that is changing the way of being and living in it and, consequently, the subjectivity of the contemporary man. We are constantly seeking social approval and to achieve it, in the current technological scenario, we expose our personal life through social networks in an increasingly more pronounced way. The purpose of the article was to investigate deeply through a psychoanalytic perspective, the reasons for such an act, using the concepts of helplessness and narcissism. Therefore, we clarify that the present study is not intended to criticize, but to point out a phenomenon perceived in today's society, taking into consideration the massive use of the social network mentioned.

Keywords: psychoanalysis, instagram, helplessness, narcissism, contemporaneity.

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o uso das redes sociais na contemporaneidade enfocando a exposição da imagem através dos aplicativos de relacionamento, especificamente o *Instagram* por este focalizar de maneira mais objetiva a estética corporal e funcionar como uma vitrine para a vida cotidiana.

Com o tempo, aparelhos que eram exclusivamente para ambientes de trabalho tomaram conta da vida pessoal. A grande maioria da população já possui um computador, *tablet*, mas principalmente um *smartphone* que possibilita essa comunicação instantânea, basta ter acesso à internet. Com o apogeu desse *modus vivendi*, torna-se uma tarefa árdua desviar-se dele, pois ainda que não se utilize estas ferramentas com a finalidade de comunicar-se informalmente, cada vez mais se torna necessário, inclusive para o mercado corporativo que se esteja presente no ciberespaço. Vivemos conectados por redes digitais que se infiltraram pelas nossas casas e que mudaram as referências espaciais para sempre. O espaço se amplificou. Ainda que usados para diversas

finalidades, nota-se uma grande adesão à interação com o outro, mediada pela *web*.

A constante demanda de produção de conteúdo imagético virtual está cada vez mais inserida em nossa sociedade. Através dessas postagens, muitas vezes espera-se uma validação de si por meio da observação e aprovação do outro.

Por que precisamos de um *feedback* positivo para validar nossas atitudes e aparência, podendo inclusive alterar a forma como nos enxergamos? E por que precisamos verificar que somos seres desejáveis?

Conforme afirma Dornelles (2004), a internet permite às pessoas explorarem facetas de sua personalidade que têm expressão limitada nas relações sociais presenciais *offline*. Sendo assim, seria possível criar uma imagem cibernética agradável ao outro (ainda que não genuína), obtendo por meio desta uma aprovação expressa pelos *likes* concedidos pelos usuários que acessam ao conteúdo exposto através dessas ferramentas (*Instagram*, *Facebook*, etc). Esta réplica serviria como um jeito de tamponar este desamparo latente, uma vez que as instituições simbólicas, ainda que muitas vezes de

Afiliação dos autores:

[†]Discente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

[‡]Doutora, Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

* Email de correspondência: prismagalhaes@hotmail.com

Recebido em: 14/05/18. Aceito em: 01/08/18.

maneira castradora, ajudavam o sujeito a se estabilizar, perderam-se na pós modernidade de maneira que a característica marcante da atualidade é a fluidez das dinâmicas institucionais, do contato com o outro e da mínima intervenção do Estado. (FRIDMAN, 1999)

Este trabalho apresenta possíveis respostas para estas perguntas, utilizando-se das teorias psicanalíticas do Desamparo, do Narcisismo e de suas relações abordadas por Freud em diversos trabalhos publicados ao longo do tempo. Também se abordará a efemeridade das relações e como este fato causa impacto no funcionamento eficiente delas.

O homem enquanto sujeito na contemporaneidade: possibilidades de “pare-ser”

Vivemos em tempo de compartilhamento instantâneo de informações através de recursos tecnológicos avançados. Nesse contexto, é possível exemplificar vários tipos de relações baseadas em impressões deixadas nas respectivas redes sociais, podendo assim expressar opiniões divergentes ou não, sobre diversos assuntos, assim como manifestar-se de maneira afetuosa e positiva, sobre a vida exposta nessas plataformas. Com o passar do tempo, boa parte das relações basearam-se em quem decide se expor nas mídias sociais. Há algum tipo de conectividade entre os que observam e os que são observados, à medida que os que olham também serão de alguma forma olhados por outrem, criando um ciclo de exibicionismo-voyeurismo. Esse tema fora trabalhado por Freud em Pulsões e suas vicissitudes, artigo metapsicológico escrito em 1915 no qual nos é apresentado o olhar enquanto percepção, ou seja, uma atividade dirigida a um objeto ou a si mesmo, já que esta é autoerótica inicialmente:

Para o início de sua atividade, a pulsão de olhar é autoerótica, ela possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que a pulsão é levada, por um processo de comparação, a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem. (FREUD, 1915/1996, p.78)

Existem diversos dispositivos que se sustentam através dos olhares dos indivíduos. Exclusivamente, a ferramenta *Instagram*, que se trata de um aplicativo lançado em 2010. Segundo dados liberados pelo *Facebook* em 2017, a rede social possui mais de 800 milhões de usuários ativos, sendo uma das preferidas do público (G1, 2017), utilizada com o fim exclusivo de divulgação de fotos e vídeos de seus usuários, que também podem se beneficiar de filtros para uma melhoria estética de seu conteúdo.

Pensando neste programa, através de conhecimento prévio do que se trata, logo nos vem à mente imagens de corpos impecáveis, viagens para

lugares paradisíacos, as incontáveis *selfies* e os ansiados *likes*. Assim, cria-se um novo tipo de identidade para o sujeito, uma nova maneira de estar e ser no mundo, onde é necessária uma vitrine de exposição para a própria vivência. Estamos invariavelmente conectados através de aparelhos como os *smartphones* e computadores e com o apogeu da comunicação rápida e dos aplicativos de relacionamento, instalou-se a indigência da produção de conteúdo para satisfazer seus adeptos.

Observamos que tal conectividade se retroalimenta, especificamente onde é possível hospedar registros fotográficos de uma realidade seletiva a fim de obter, através do olhar alheio, uma aprovação e suprir assim algum tipo de desamparo latente e incômodo. A subjetividade do homem contemporâneo é atravessada constantemente por tal demanda, podendo então, provocar ansiedade perante as situações cotidianas. (SILVA, 2009). Uma utopia de viver para quem o acompanha através da internet e acompanha outras vidas com a qual se identifica ou se sente amparado.

A maçante apresentação da auto-imagem nesses veículos de mídia de certa forma tampona uma ferida narcísica instaurada no sujeito que muitas vezes olha o outro da forma que gostaria de ser. Por desejar mostrar-se ao outro, deseja ao mesmo tempo ser o objeto do desejo alheio a fim de suprir esse desamparo recorrente. Ainda que momentaneamente ele viva o prazer quando recebe o tão esperado “like” em sua foto, é algo efêmero. Algo que é rapidamente superado, criando assim a ânsia de se produzir mais situações onde esse ser possa realizar-se novamente.

Em uma sociedade de consumo, uma grande parte da população, por assim dizer, quer ser o objeto de desejo alheio através do que pode expor. E como vive-se em um contexto social onde há de se ser mercadoria atraente, começa uma busca desenfreada para se tornar o mesmo.

Segundo Lasch (apud JUNIOR, 2014, p. 41):

Ao rodear o consumidor com imagens da boa vida e associá-las com o glamour da celebridade e do sucesso, a cultura de massa estimula o homem comum a cultivar gostos extraordinários, a identificar-se com a minoria privilegiada em relação ao resto e juntar-se a ela nas fantasias dele, numa vida de conforto e refinamento sensual. Mesmo assim, a propaganda de mercadorias simultaneamente torna-o profundamente infeliz com o que tem. Ao promover aspirações grandiosas, também promove a um denegrir-se e um autodesprezo.

Tendo mais, sendo mais, seja economicamente, seja fisicamente ou academicamente. Mas ainda que se seja, não há validade social uma vez que não há o reconhecimento de tais feitos. Nota-se a demanda de uma validação obtida através do *feedback* obtido em tais redes. O *Instagram*, como ferramenta igualitária, tornou-se palco para o espetáculo da vida cotidiana, trazendo sempre uma oportunidade para seus usuários de exibir a vida cotidiana de maneira atraente para

o outro, ainda que o dia a dia não se restrinja àquele momento. No ciberespaço, pode-se ser quem quiser, obter a identidade que desejar. Causa, mesmo que de maneira inconsciente, uma vontade de se obter a mesma admiração e aprovação que quem está sempre postando uma vida fantástica obtém. Ao nos depararmos com uma “vida perfeita”, passamos a comparar a nossa própria vida com aquela exibida à nossa frente.

A Internet cria a ilusão de que, de alguma forma, partimos todos do mesmo lugar, seria assim então, em última análise, um espaço democrático onde qualquer pessoa poderia atingir os mesmos níveis de acessibilidade que fora dela seria impossível. Tudo está a distância de um clique, não há sequer tempo de repensar o que se procura. Talvez seja este um dos motivos pelo qual o ambiente virtual seja tão sedutor. Os registros imagéticos são tão apelativos e a quantidade de informação é tão vasta que diversas vezes não se dá importância à influência de todo esse conteúdo. O sujeito aliena-se do seu próprio desejo em consequência da superestimulação de seus sentidos através da excessiva oferta de dados, conforme descrito por Debord (1997, p.19):

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta.

Precisamos estar sempre nos certificando que somos seres desejáveis, e conseguimos isso, na contemporaneidade, através de um *feedback* positivo em nossas redes sociais. Mas por que isso acontece?

Segundo a psicanálise, o desejo seria uma espécie de impulso cujo ponto de partida seria o indivíduo, algo que, nascido no interior, se projetaria em direção aos objetos externos, ou seja, o desejo necessita do Outro para se constituir enquanto tal, o que diz a clássica tese lacaniana segundo a qual "o desejo do homem é o desejo do Outro" (LACAN, 1962/2005, p. 32). Para melhor explicar quem é esse Outro, há de fazer uma diferenciação entre o outro, e o Outro. Em seu seminário do dia 31 de março de 1956, Lacan precisa melhor sua diferenciação entre os dois:

O primeiro, o outro com um pequeno o, é o outro imaginário, a alteridade em espelho, que nos faz depender da forma de nosso semelhante. O segundo, o Outro absoluto, é aquele em que nós nos endereçamos para além desse semelhante, aquele que nós somos forçados a admitir para além da relação espelhar, aquele que aceita ou que se recusa em face de nós, aquele que tem a oportunidade de nos enganar, em que não podemos jamais saber se ele não nos engana, aquele em que nós nos endereçamos sempre. Sua existência é tal que o fato de se endereçar a ele, de se ter com ele como uma linguagem, é mais importante que tudo o que pode estar em jogo entre

ele e nós. [...] o Outro com um grande O, que é, seguramente, o que visa Freud [...] (LACAN, 1956, p. 286-287).

Desta forma, pode-se dizer o grande Outro é um lugar simbólico que alguns outros podem ocupar. Um princípio de alteridade. Este lugar inclusive poderia atravessar as relações de como enxergamos os outros e nos relacionamos.

O que Hegel nos diz no capítulo IV da Fenomenologia do espírito é que é enquanto Desejo que o homem se revela a si mesmo como um Eu. O indivíduo absorvido pela contemplação do objeto é um indivíduo sem eu, ele se esgota no objeto contemplado (...). É portanto quanto o desejo de um outro desejo que o indivíduo se constitui como um indivíduo humano. A passagem do mero “sentimento de si” para a Autoconsciência ocorre quando o desejo se dirige para outro desejo. No entanto essa autoconsciência não é ainda plena, ela está aprisionada em uma “certeza subjetiva”. Para que ela ultrapasse sua dimensão subjetiva individual, ela necessita do reconhecimento por outra autoconsciência. (GARCIA-ROZA, 1984, p.16-17)

Garcia-Roza (1984) diz que de acordo com o modo de pensar de Hegel, esse reconhecimento só pode se dar enquanto se admite a pré-existência de um código que transcenda as subjetividades em questão.

Pode-se dizer que estes códigos que transcendem as subjetividades que se relacionam, tratam-se de formas diferentes de alteridade às quais somos expostos ao nos inserirmos no mundo. Como a linguagem, a história familiar que nos precede e tudo aquilo que nos define.

Não se costuma expor situações que não são esteticamente agradáveis para os observadores virtuais, a menos que se procure empatia através de um evento trágico, como por exemplo, a morte de um ente querido, que neste momento se torna menos dolorosa quando aqueles que o seguem se mostram afetados por tal evento. A grande questão que circunda esta forma de se expressar talvez seja: se esta aprovação da vida é completamente suficiente para que o sujeito obtenha a realização que anseia, por qual motivo ele não se sente em plenitude? Sendo assim, o que marcaria a insatisfação do desejo seria justamente a sua eficiência.

A estrutura do desejo implica essencialmente essa inacessibilidade do objeto e é precisamente isso que o torna indestrutível. O desejo se realiza nos objetos, mas o que os objetos assinalam é sempre uma falta. (GARCIA-ROZA, 1984, p. 144)

A modernidade trouxe, para o homem, mudanças significativas na sua experiência de tempo e espaço (BERMAN, 1986; GIDDENS, 2003), alterando profundamente a produção de subjetividade. Desta forma, tais como trocas de roupa, temos a massificação de identidades a todo o momento em um extremado processo de aquisição e descarte dos “perfis-padrão” oferecidos pelo mercado (ROLNIK, 1997). Ao mesmo tempo em que podemos construir uma imagem própria

da forma que desejarmos, precisamos fazer isso por nós mesmos. Como sustentar o favorável espetáculo que o sujeito criou de si se torna um problema, à medida que os interesses se tornaram efêmeros e facilmente substituíveis. Na atualidade, prolifera a experiência do espaço aberto e tempo contínuo (DELEUZE, 1992/2000), colocando a vida em movimento constante, sempre andando e sucessivamente em busca de algo mais ou desconhecido, portanto, sem que qualquer ideiação ou qualquer objetivo possa ser completo.

Apesar de qualquer crítica que possa aparecer a este estilo de vivência, ainda assim, cresce exponencialmente o número de adeptos sendo inclusive estipulada uma nova profissão chamada de *digital influencer*. Diferente do que se pode pensar, não é fácil atingir este nível de alcance virtual o que a tornou uma das profissões mais desejadas pelos consumidores da internet. Essas pessoas ganham dinheiro para expor a própria vida, recebem presentes para que possam divulgar em seus perfis, viajam de graça muitas vezes e possuem milhões de seguidores que indiretamente são os responsáveis por todas essas vantagens.

O Desamparo

Segundo Freud (1926[1925]/1996), o ser humano, quando jogado no mundo, ainda não está pronto para tal, tendo sua vida intra-uterina abreviada e insuficiente, por isso a influência do mundo exterior é arrebatadora criando a urgência da distinção entre o ego e o id, tornando a exterioridade perigosa e hostil e dando importância exagerada ao único objeto capaz de protegê-lo do perigo. Freud (1927-1931/1996) em seu texto "O futuro de uma ilusão", compreende que a mãe, vista como a única capaz de satisfazer a fome de seu filho, se torna a fonte de proteção contra perigos externos e ansiedades, uma vez que a mãe faz a mediação do bebê com o mundo através de suas interpretações das ações, podendo assim transformá-las e as devolver.

Após essa fase da infância, a criança passa a se sentir protegida pela figura do pai, que se insere nesta relação como alguém que guarda e inspira medo no bebê, simultaneamente. (Freud, 1927-1931/1996, p. 33). Conforme o ser vai se estruturando, passa a criar, assim como a figura do pai, outros que possam lhe proteger, ainda que o amedrontem. Este estado de desamparo infantil está intimamente ligado à satisfação, uma vez que apenas o Outro poderá remediar a tensão interna que perturba esta criança. Já na fase adulta, o sujeito já pode perceber que a vida é atravessada constantemente por obstáculos e problemas, e que sua condição diante dela ainda é de vulnerabilidade, sendo assim o sentimento de desamparo continua presente:

O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm

sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs. (FREUD, 1927/1996, p. 27)

Mas, diversamente da criança, já reconhece que seu pai encontra-se no mesmo estado que o seu e não possui poderes incondicionais como antigamente imaginava.

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico a sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. (FREUD, 1927/1996, p. 34)

Em "O futuro de uma ilusão", Freud (1927-1931/1996) entende que o desamparo não é apenas um momento psíquico, mas sim uma condição estruturante, não há como remediá-lo.

...você se recorda da escolha de objeto de acordo com o tipo analítico (ligação), de que fala a psicanálise? A libido segue aí os caminhos das necessidades narcísicas e liga-se aos objetos que asseguram a satisfação dessas necessidades. Desta maneira, a mãe que satisfaz a fome da criança torna-se seu primeiro objeto amoroso e certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo - sua primeira proteção contra a ansiedade, podemos dizer. (FREUD, 1927/1996, p. 33)

Freud (1930/1996) em "O mal-estar na civilização", referenciando-se às instituições, sobretudo a religião, pontuava o que as pessoas que sofriam pressão do meio buscavam. Funcionava como o "Outro", de forma que ele necessitava se encaixar nas normas observadas naquele ambiente e quando se desviava da norma, havia sofrimento psíquico para com estes que fugiam à regra. Freud ainda fala sobre um sujeito que vive sob uma opressão absurda, tendo seu prazer contido e sua liberdade condenada. Essas instituições servem como forma civilizatória, de maneira que funcionam como obstáculos ao prazer que quer estar livre. Por outro lado, o período pós-moderno em que nossa sociedade está situada encontra-se cada vez mais despido de instituições estipuladoras, o que de certa maneira possibilita o desenvolvimento real do sujeito a partir da singularidade de seus desejos, moldando uma subjetividade cada vez mais sua, por assim dizer. Porém, ao passo que essas instituições simbolizantes deixam de se fazer presentes, a tarefa de subjetivar-se pode se tornar solitária, o que se transforma, como dito anteriormente, em um terreno fértil para o desamparo. Se antes o prazer era refreado, agora somos levados

a trocar o refreamento de prazer, em benefício do amparo social, pela ampliação do prazer ao custo do individualismo que nos deixa à nossa própria sorte na sociedade (BAUMAN, 2001).

Para a Psicanálise, o Narcisismo tem papel fundamental na construção do ego. Nesse ponto, o conceito de desamparo da Psicanálise será de utilidade para poder refletir sobre o Narcisismo como uma forma de se defender de um estado em que as tensões são maiores do que é possível para o aparelho psíquico dominar. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2016, p. 157)

Para Freud, existe uma fase narcísica no desenvolvimento do sujeito, seguida pela fase de autoerotismo e antecedida à escolha objetual. (FREUD, 1914/1996, p. 89). O narcisismo então pode ser compreendido como um destino possível para a libido.

O sujeito que se comporta narcisicamente clama por ser aceito; existe nele uma imensa necessidade de aprovação da sua imagem pelo outro e da validação adquirida através da resposta do outro que acessa através das redes sociais a imagem que aquele sujeito quer mostrar, pois considera ideal. Abordando a Psicanálise, pode-se colocar em questão que este Outro da pós-modernidade, personificado nesta indústria cultural, de entretenimento e comércio, que pode aqui ser inserido sob contexto virtual, tem o processo de um consumo direcionado à utopia de um prazer ilimitado e, no entanto, incapaz de se realizar. (COSTA & MOREIRA, 2010).

Consoante à Bauman (2001), Birman (2001) e Tanis (2004) o sujeito vivencia situações transitórias, efêmeras e fragmentárias, e distancia-se de instituições simbólicas que antes lhe ofereciam estabilidade. Essas instituições, antes pilares da sociedade, como a família, o trabalho, a escola e etc, dão lugar a esses novos espaços. Estes, ainda que potencializem a liberdade de escolha e satisfação do desejo, causam, justamente pela gratuidade e pelas possibilidades, um terreno fértil para o desamparo, uma vez que se torna necessária a subjetivação do sujeito deficiente das instituições acima mencionadas.

No passado, era muito corriqueiro que um filho, ao crescer, herdasse os afazeres do pai, por exemplo, se este era um marceneiro, muito provavelmente seu filho aprenderia o ofício para que pudesse dar continuidade aos negócios da família. Não era muito comum que se arriscasse em novos meios de sobrevivência. Assim também funcionava com as mulheres e o casamento. Este era determinado algumas vezes ainda na infância pelas famílias envolvidas no acordo.

Ainda que soe negativo, este modo de vida era o mais usual. Quem desviasse desta construção era visto com maus olhos pelo meio. Ao dismantelar os pilares conservadores da sociedade, o sujeito se vê livre para fazer suas próprias escolhas. Livre, mas desamparado, pois agora depende quase que exclusivamente de si para

subjetivar-se.

Não seria então esta constante exposição uma forma, portanto, que o sujeito destituído de tudo que até então lhe parecia familiar, confortável e que lhe propiciava a ilusória sensação de proteção encontrou de se proteger, agora se vendo diante de seu desamparo?

A atitude narcísica desde esse ponto de vista parece ser uma atitude necessária para garantir o sujeito como tal, investir no eu. Desta forma o narcisismo poderia ser pensado como uma defesa ao caos, assim como sua função nos primórdios: organizar as pulsões parciais dirigindo-as ao eu. Validando-se pela opinião dos outros, este sujeito poderia então proteger-se de seu desamparo, uma vez que já não possui determinações sociais simbolizantes sobre quem deveria ser, ou o que deveria fazer.

É indiscutível o papel desempenhado pelas redes sociais em diferentes âmbitos da vida, como na vida privada, social, profissional e etc. Porém, as relações virtuais muitas vezes, justamente por sua liquidez não são capazes de suprir completamente a angústia causada pelo desamparo, sendo inclusive passíveis de gerar ainda mais em seus usuários.

Considerações Finais

No presente trabalho, tivemos como objetivo, sob a perspectiva psicanalítica propor uma investigação cujo objeto principal fora o *Instagram* como ferramenta para lidar com o desamparo, uma vez que no atual cenário tecnológico é cada vez mais comum expormos detalhes de nossas vidas como forma de buscar aprovação social.

Na contemporaneidade o uso de dispositivos através dos quais se pode acessar a internet tornou-se intrínseco ao ser humano. A ascensão deste *modus vivendi* provocou uma mudança nas relações interpessoais e a interação com o outro tornou-se mediada pela web. Surge então a necessidade de buscar validação e aprovação através da observação do outro. Como forma de tamponar o desamparo causado pelo declínio das instituições simbólicas que contribuíam para a subjetivação do sujeito, as redes sociais tornam-se, pela via do narcisismo, ferramentas capazes de dar a ele possibilidades de ser aquilo que é agradável ao outro, ainda que não seja condizente com sua realidade.

Marcado pela noção de que seria uma rede capaz de proporcionar condições iguais de acessibilidade, o *Instagram* torna-se então, o ambiente ideal para o desenvolvimento de uma nova maneira de pensar e agir, como uma espécie de vitrine da vida cotidiana e junto à ela, a necessidade de produzir conteúdo como forma de alimentar àqueles que fazem parte deste universo. Ser o objeto de desejo alheio pode ser visto como uma saída para o desamparo, criando um ciclo: se por um

lado, o sujeito se valida através do *feedback* positivo do outro, por outro, dada a efemeridade dessa relação, torna-se fadado a produzir cada vez mais para suprir tal necessidade.

A resposta para tais indagações começa a ser tecida a partir da noção de Outro proposta por Lacan, através da qual podemos afirmar que o desejo do sujeito estaria atravessado pela influência desse lugar, possibilitando que o homem se constitua enquanto Eu.

Desta forma, o que se pode dizer é que este desejo fundamentado pelo Outro nem sempre é garantia de satisfação por parte do sujeito, uma vez que este desejo, remete sempre à uma falta, impedindo-o de sentir-se em sua plenitude. Estaríamos então condenados a estar sempre em busca de algo, ainda que não se saiba o quê.

Essa discussão se amplia à medida que consideramos o conceito freudiano de desamparo e sua condição estruturante. O sujeito que antes era perpassado pela forte influência das instituições simbolizantes que de certa forma atuavam como o Outro. Se por um lado o homem pós-moderno se vê livre das amarras dessas instituições, por outro, torna-se responsável por constituir sua própria subjetividade, tornando o desamparo muito mais do que uma possibilidade.

O narcisismo seria então uma forma de suplantar as tensões geradas pela ação do desamparo, ou seja: através do qual o sujeito busca maneiras de ser aceito, validado pelo o outro, dirigindo seu investimento no próprio Eu como uma forma de defesa.

Desta forma, podemos dizer que o sujeito pós-moderno se encontra atualmente despido de quaisquer instituições em que ele possa se apoiar e se constituir enquanto sujeito. Frente ao desamparo, utiliza-se do narcisismo como recurso para tamponar este desamparo deixado pela remoção destas referências. O *Instagram* seria então, uma ferramenta utilizada como forma de viabilizar este tamponamento, ainda que não obtenha sucesso total, tendo em vista a fluidez e finitude das relações por ela estabelecidas.

Notas

Instagram: ferramenta utilizada para compartilhamento de fotos e vídeos com uso de filtros e oferta de serviços diversos em interação com outras redes sociais.

Tablet: dispositivo eletrônico utilizado para organização pessoa, acesso à internet, jogos, visualização de fotos e vídeos e leitura de livros, jornais, revistas, etc.

Smartphone: Dispositivos com telas sensíveis ao toque com sistema operacional complexo que permitem o acesso à internet e compartilhamento de dados através de navegadores, com tecnologia semelhante à dos computadores.

Modus vivendi: do latim, significa “modo de viver”. Termo utilizado como forma de definir uma maneira de viver, se portar, conviver e sobreviver.

Web: palavra de origem inglesa que em tradução literal, significa “teia”. No ambiente virtual a palavra ganhou um novo significado com o surgimento da internet, passando a designar a rede que conecta os computadores ao redor do mundo.

Feedback: termo em inglês utilizado para denominar o ato de dar uma resposta – positiva ou negativa – a um pedido ou acontecimento.

Offline: ter de origem inglesa cujo significado literal é “fora de linha”, é utilizado para indicar quando algo está desconectado, desligado.

Like: o termo, de origem inglesa, significa “gostar”, em tradução direta para o português, nas redes sociais, é utilizada para sinalizar quando um conteúdo foi “aprovado” pelo usuário.

Selfie: Palavra em inglês utilizada para denominar a foto tirada e postada pela própria pessoa nas redes sociais.

Digital Influencer: profissão que ganhou popularidade a partir da ascensão do uso de redes sociais, caracterizada pelo indivíduo que através dessas redes expressa análises sobre os mais variados aspectos e exerce certa influência sobre o público que consome seus conteúdos.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- COSTA- ROSA, A. & ROSA, T. E. C. *Envelhecimento, tempo e desejo na hipermodernidade*. In Trench, B. & Costa-Rosa, T. E. (Orgs.). *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa* (pp. 321-344). São Paulo: Instituto de Saúde, 2011 (Coleção Temas em Saúde Coletiva, n. 13).
- COSTA, D. B. & MOREIRA J. O. *Angústia e declínio da representação: uma leitura psicanalítica do mal-estar na contemporaneidade*. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 225-235, 2010.
- DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, G. *Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle*, 1992. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede"*. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 241-271, June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000100011>.
- FREUD, S. *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, 1926[1925]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Mal-Estar na Civilização*, 1930. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *O Futuro de uma Ilusão*, 1927. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Os instintosAs pulsões e suas vicissitudes*, 1915. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, 1914. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. V. XI, p.85.
- FRIDMAN, Luis Carlos. *Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento*. *Hist. cienc. Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v 6, n. 2, p. 353-375, Oct.1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 Maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701999000300007>.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o Inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1984.

GIDDENS, A. Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2003.

INSTAGRAM tem 800 milhões de usuários ativos por mês e 500 milhões por dia. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/instagram-tem-800-milhoes-de-usuarios-ativos-por-mes-e-500-milhoes-por-dia.ghtml>. Acesso em: 25 novembro 2019.

JÚNIOR, A. C. B. Quem vê perfil, não vê coração: a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de si no Facebook e no LinkedIn. Tese de Doutorado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. 2014.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso, Belo Horizonte*, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 maio 2019.

LACAN, J. Seminário 10, A Angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2005.

LACAN, J. Seminário 3, As Psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1956.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*, org. Daniel Lins. Papyrus, Campinas, 1997. Disponível em http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/viciados_em_identidade.pdf. Acesso em 22 novembro 2019.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes da; BARROS SANTOS, Suely Emilia de. O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade. 2009. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C3%ancia%20da%20m%C3%CDia.pdf. Acesso em: 22 novembro 2019.

TANIS, Bernardo. Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo/FAPEESP, 2004.